

Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos Herbert Souza e seu espaço físico.

Vanessa Rezende de Santa Rosa Domingues¹

Palavras chave: Educação para Jovens e Adultos, Paulo Freire, espaço físico, corpo

Resumo

Esse artigo analisa a questão da falta de um espaço físico próprio para o Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos Herbert Souza. A utilização de uma escola de ensino fundamental para a existência dessa escola não é apropriada para o corpo dos estudantes da faixa etária da modalidade de ensino EJA (Educação para Jovens e Adultos), como isso pode ser perceptível a partir de uma análise antropológica com o corpo como unidade de análise.

Utilizo juntamente primeiras metodologias do autor Paulo Freire para repensar a importância do espaço físico para trazer sentido ao retorno dos estudantes nessa faixa etária. A análise perpassa inicialmente pelo Paulo Freire, para após uma contextualização das correntes teóricas da Antropologia que levaram o corpo a ser uma categoria de análise, adentrar no espaço físico do CEEBJA Herbert Souza.

Introdução

O presente artigo pretende relacionar o início da carreira do Paulo Freire e as metodologias de alfabetização desse autor com o Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos (CEEBJA) Herbert Souza, conhecido como Betinho. Particularmente esta escola, pois a frequentei por de agosto de 2010 a novembro de 2011, no caráter de estagiária.

Devemos nos ater a um resgate histórico a respeito do CEEBJA Londrina para

1- Discente do curso de ciências sociais da Universidade Estadual de Londrina, e-mail vanessadominguescs@hotmail.com

entender a motivação em relacionar esse período da vida do Paulo Freire com essa específica escola. No começo das atividades curriculares de 2009, o Centro de Educação que se localizava nas dependências da UEL e foi fechado. Muitos motivos levaram a essa decisão, dentre os quais, um de ínfima significância, foi à necessidade de um espaço próprio, fixo, permanente, com salas de aula compatível com o número de matriculados e adequado para essa modalidade de ensino, jovens e adultos.

A transferência do CEEBJA do campus Universitário foi consenso entre UEL, Secretária de Estado de educação e Núcleo regional de ensino Londrina, sendo esse último o encarregado de organizar as minúcias para essa mudança². Para tanto, houve abertura de escolas, como é o caso do “Betinho”, o qual reorganizou administrativamente um colégio existente. Durante o período matutino o espaço físico localizado na Rua Luiz Alves Lima Silva, número 336 é a dependência do Colégio Estadual Dário Vellozo, o qual atende estudantes do ensino fundamental, enquanto no período vespertino e noturno o atendimento existente é do CEEBJA Herbert Souza.

Ressalto os argumentos da necessidade de salas de aula compatíveis com o número de estudantes matriculados e espaço adequado para essa modalidade de ensino, jovens e adultos, pois a escola Dário Vellozo é de estrutura física para ensino fundamental regular e mesmo que no quesito salas de aula compatível esteja dentro do padrão, há uma reorganização que terminou no segundo semestre de 2011, para que atingisse o número de salas, sendo que a última a ser projetada comporta menos de 20 estudantes. Antes da evasão ocorrida pelo provão³, a média de estudantes na aula de sociologia era de 25 estudantes, impossibilitando o uso da mesma.

Fiz esse breve contexto histórico, pois o artigo tem como pano de fundo a estrutura física da escola, sendo a questão central desse trabalho a mudança do campus universitário para essa escola, essa alteração trouxe uma melhor composição para essa modalidade de ensino? Os signos compostos na Universidade e no colégio fundamental são diferentes, qual melhor se adéqua ao corpo desse estudante? Pois nas duas estruturas físicas a escola

-
- 2- Como demonstra a matéria desse site, houve três manifestações a respeito dessas mudanças, englobando outras transferências de espaço físico, além da ocorrida na UEL para o Colégio Dário Vellozo.
 - 3- Prova realizada dia 29/09/2011, com 15 questões de cada disciplina ministrada pelo Ensino Médio, o candidato que acerta 60% (9 questões) da disciplina conclui seus estudos da mesma.

está dividindo espaço com outras modalidades de ensino.

Paulo Freire⁴ e o espaço físico

Paulo Freire nasceu em 1921 em Recife, filho do capitão da polícia militar, Joaquim Temístocles Freire e da dona de casa, Edeltrudes Neves Freire e irmão do Temístocles, do Armando e da Stela, cresceu numa família de classe média estável, mas que sofreu junto ao país com a depressão de 1929. Ainda muito novo para entender esse processo, seus irmãos decidiram trabalhar para contribuir com as contas da casa, o que possibilitou ao Paulo a continuidade com os estudos.

Sua alfabetização se deu no quintal de sua própria casa, utilizando gravetos para escrever no chão de terra, com palavras e frases que interagiam com seu contexto, o que lhe trouxe frutos para repensar a metodologia de alfabetização vigente em sua época. Ao finalizar o curso secundário fez o curso pré-jurídico, juntamente ao início de sua carreira no Magistério, como professor de português no colégio Oswaldo Cruz, isto em 1941. Em entrevista explica que esta foi início de sua leitura crítica, buscou, nesses anos que prosseguiram, conhecer os gramáticos brasileiros, portugueses e investia uma parcela alta de sua renda em livros nesta área.

Em 1943 ingressou na Faculdade de Direito do Recife, a onde conheceu Elza, professora do primário que viria a ser sua esposa, a qual dava aula aos Africanos de São Tomé a partir do universo vocabular dos estudantes. Paulo Freire ainda dava aula no colégio Oswaldo Cruz e aprendia com a metodologia da Elza. Em 1947, último ano do curso de Direito compreendeu que não seria profissional desta área. Mesmo ano em que tomou conhecimento da construção do SESI (Serviço Social da Indústria), onde, o próprio Paulo Freire, diz ter sido fundamental para sua orientação em estudos voltados para a temática dos oprimidos.

A década de 50 foi para o aprimoramento de suas idéias, inovadoras a respeito da educação, foi o momento de aceite do Paulo Freire de que esta era sua profissão e portanto período de fomentar estudos sobre o assunto. Nesse período leu autores como Roland

⁴O que se apresenta sobre Paulo Freire encontra-se na página <http://www.paulofreire.org.br/asp/template.asp?secao=biografia&sub=biografia1>

Corbisier, Hélio Jaguaribe, Djacir Menezes, Guerreiro Ramos, Álvaro Vieira Pinto (integrantes do ISEB), Fernando Azevedo, Anísio Teixeira, Gilberto Freyre, Karl Mannheim, Gabriel Marcel, Jacques Maritain, Caio Prado Junior.

Seu feito em 1962 de alfabetizar 300 trabalhadores do campo, em 45 dias, trouxe visibilidade para seus estudos. Sua metodologia, nesta época, para alfabetização se pautava em três pontos, entender o universo vocabular dos estudantes, criar círculos de cultura e a auto-gestão pedagógica. Atualmente, Paulo Freire repensou essa metodologia, aprimorou, porém é nesse embrião de teorias que quero me pautar nesse artigo, visto que nesse momento o autor se questionava como ensinar adultos, trabalhadores, sem violência simbólica com a bagagem carregada por esse indivíduo.

Entender o universo vocabular era o primeiro ponto a ser trabalhado pelo professor, pois era o meio de estabelecer conexões lógicas com a concepção de mundo desses indivíduos. Esse é o momento de conhecer, de entender a fundo o que importa para o trabalhador, pois são essas palavras chaves que são utilizadas diariamente que iniciaram a alfabetização. Nesse momento o educador é um antropólogo, fazendo uma etnografia dos seus estudantes, para ao ensinar utilizar as categorias do discente, levando a uma relação horizontal do conhecimento, o transformando em troca, afastando da figura do professor detentor de todos os conhecimentos.

Os círculos de cultura eram o meio de viabilizar essa troca e fomentar a necessidade desse aprendizado, a alfabetização. No local de maior convívio dos estudantes era sugerido um dia de expor a cultura da região e, propositalmente, inseriam situações com leituras e pessoas letradas para incitar o interesse nesse conhecimento. Demonstrava ao trabalhador o quanto poderia ser útil a leitura, despertava o interesse a partir de elementos do estudante.

Por fim, a auto gestão pedagógica é a relação buscada de docente/discente que o autor se propõe. Ele estabelece horizontalidade, pois trabalha de maneira a constituir uma troca de aprendizados, o estudante se transforma em ator da ação aprender. A maneira disso ocorrer é a partir dos outros pontos de sua metodologia e dessa forma ele se distancia das relações professor/aluno, onde o primeiro é o detentor do conhecimento e o segundo o receptor desse, como um depósito, lugar de armazenamento, apenas para o reprodução, não para o questionamento.

Um dos motivos que causaram essa busca por novo método foi ter tido a

experiência de uma alfabetização diferenciada, em sua própria casa, Paulo Freire preocupou-se em estabelecer uma relação parecida com seus educandos. Seu projeto chamava “De pé no chão também se aprende a ler”, pois para esse professor, o estudante não precisa se afastar de seu espaço de convívio e adentrar em uma sala de aula. Como se trata de trabalhadores, pessoas que o corpo e que a idade não são as pré-estabelecidas para estar dentro de uma sala de aula, é importante ressaltar que ensinar fora desse espaço muda o olhar do educando.

Adultos que optaram por um caminho de abandono da escolarização e retornam a esse espaço ressaltam esse desvio com o padrão que a sociedade impõe como o certo a se trilhar. Paulo Freire teve o cuidado de não atravessar esse ponto, de combater essa violência simbólica, quando decidiu que alfabetizaria esses trabalhadores em seu território de batente. O educando se sente a vontade para questionar, para incitar e modificar o que está ocorrendo, ele é o agente desse espaço e no momento em que estará exercendo o papel de estudante esse elo está presente, podendo atuar com a educação.

Tanto a Universidade, quanto a escola fundamental não atingem esse campo específico que foi utilizado pelo Paulo Freire, ensinar no ambiente de trabalho, porém essa preocupação em assimilar o universo simbólico do estudante jovem e adulto é algo a ressaltar dessa experiência. O público alvo dos CEEBJA são os estudantes que estão regressando a essa categoria após a faixa etária padronizada do ensino regular, salvo exceções⁵ é um ponto que o centro de ensino precisa se ater é o de estimular a aceitação desse regresso.

O espaço físico do Colégio Dario Vellozo é próprio para o ensino fundamental, as carteiras são uma agressão ao corpo de um adulto, a exposição de trabalhos do colégio pelos corredores, proporciona um estranhamento, como é o caso do abecedário acima da lousa com desenhos infantis ilustrando as letras. Existe ensino fundamental na EJA, mas o meio de ensiná-los deveria ser com palavras que fazem parte do imaginário diário desses indivíduos, as flores e passarinhos desenhados ao lado das letras não são adequados a essa faixa etária. Até mesmo o apelido carinhoso, “Betinho”, os diminutivos são um apelo a essa

4- No ano de 2011 iniciaram matrículas para estudantes a partir de 15 anos no ensino fundamental na CEEBJA, expandindo a categoria jovem e diminuindo essa diferenciação de idade entre o ensino regular e o ensino de jovens e adultos (EJA).

infantilização

Antropologia e o corpo

Ao adentrar nesse âmbito da violência simbólica proporcionada pelo espaço físico é necessário compreender outro âmbito dessa discussão, o corpo. Correntes teóricas predominantes da antropologia focaram seu estudo a respeito da cultura como unidade de análise, porém o termo cultura é um meio de comunicação simbólica criada pelo ocidente para categorizar o que lhe é estranho, a cultura sendo aspectos apreendidos pelo meio social é uma forma de aceitar o que lhe difere do indivíduo que não participa de suas relações sociais. Porém, isso é uma categoria de análise que pode não ter significado prático para o nativo, que não codifica o mundo com esse símbolo, cultura. Essa questão surgiu juntamente a proposta da Sherry Ortner (apud ERIKSEN, NIELSEN, 2010) de analisar os aspectos culturais a partir do corpo, aspecto biológico que é modificado a partir dos símbolos presentes na sociedade.

Para compreensão do corpo como unidade de análise na teoria antropológica contemporânea é necessário retomar as principais correntes metodológicas da antropologia no século passado. A partir da década de 50 do século XX os antropólogos começaram a centrar suas teorias na significância dos símbolos em diversas sociedades.

O símbolo foi estudado a partir de diferentes perspectivas, demonstrando uma variável a respeito do que é símbolo. Nas correntes estadunidenses o símbolo é pautado apenas no indivíduo em si mesmo, enquanto na corrente inglesa essa perspectiva abrange também as instituições e a sociedade, por fim a perspectiva francesa se preocupa com as estruturas e suas significâncias.

Schneider (apud ERIKSEN, NIELSEN, 2010), representante da corrente estadunidense na sua obra *American Kinship* (1968) inovou os estudos sobre parentesco defendendo que apenas laços sanguíneos não são suficientes para explicar a relação na instituição família. Dessa forma o parentesco consiste em um universo cultural com seus próprios símbolos e significados para o indivíduo.

Evans Pritchard, antropólogo britânico, ao estudar os Azandes preocupou-se em se afastar do funcionalismo estrutural para aprofundar o real significado para essa sociedade

da magia. Ao se afastar da busca da funcionalidade estrutural e se aproximar do significado do símbolo para o nativo, Pritchard consegue adentrar na subjetividade que garante a organização daquela sociedade.

Victor Turner (apud ERIKSEN, NIELSEN, 2010) transitou entre a antropologia britânica (sua terra natal) e a estadunidense, pois assim como buscava o significado do símbolo por si mesmo, ampliava a discussão para explicar a sociedade. Os símbolos são manipulados e a partir de um determinado momento passam a fazer parte do cotidiano gerando mudanças em toda a dinâmica social, seja ela no comportamento, alimentação e política. Na sua obra *Floresta de Símbolos*, Turner analisa a coesão social através do ritual de cura do feiticeiro.

Para Levis Strauss (apud ERIKSEN, NIELSEN, 2010), representante da antropologia francesa, o universo simbólico é ligado a figuras abstratas, como o poder criativo do homem é canalizado em uma determinada tecnologia. Ele articula a oposição entre natureza e cultura, segundo ele a construção do ser se dá por meio da cultura, esta, por sua vez é pautada na existência de uma estrutura previa dada pela natureza, ou seja, uma base igual porém usada de diferentes formas.

O modelo binário de Levi Strauss se pauta no significado relacional, ou seja, a construção do significado é feita pelas relações, as categorias só fazem sentido nas interações, a pessoa se torna pai, quando existe um filho, a oposição traz a identidade. Para o estruturalista, a lógica da estrutura do Homem è a intervenção da cultura sobre a natureza, o sistema binário é central em sua metodologia.

Pós década de 50 a antropologia sofre divergências a respeito da etnografia com a inserção das feministas. As primeiras pesquisadoras adentraram no universo simbólico doméstico, que até então era um desafio para os antropólogos do gênero masculino. A partir desse fato, novas discussões a respeito da pesquisa trouxeram reflexões de gênero em trabalho de campo, pois se constatou que os relatos e resultados das pesquisas de campo eram diferentes quando produzidos por homens do que os produzidos por mulheres.

A incorporação da mulher na pesquisa gerou essa dicotomia a respeito das funções do gênero nas sociedades. Para o gênero masculino se reservou o campo da vida pública, enquanto que para o feminino o campo da vida privada. Essa dicotomia foi o embrião para a antropologia do corpo, pois as pesquisadoras começaram a questionar como se trabalha,

nas diferentes sociedades, o corpo para os homens e, para as mulheres.

Sendo assim, não é surpresa que tenha sido uma pesquisadora a iniciar a tendência em utilizar o corpo como unidade de análise antropológica, Sherry Ortner, antropóloga americana em seu artigo *Theory in anthropology since the sixties* (1984) iniciou um paradigma teórico a respeito das obras escritas nas últimas décadas, sua *teoria da prática* desdobrou as tendências que a antecederam. Como afirma o livro *História da Antropologia*:

“Essa tendência nova, definida elasticamente, abrangia uma variedade de programas de pesquisa diferentes, mas um interesse metateórico comum a todos era o de unificar o individualismo metodológico e o coletivismo e de analisar o papel do corpo humano situado num mundo material como o principal *locus* de interação social.” (Eriksen e Nielsen, 2010. P. 153)

A teoria da prática começa a olhar de forma revolucionária, tratando os indivíduos como potenciais transformadores. Para a autora o corpo é o centro da investigação social, somos humanos porque criamos símbolos atribuídos ao corpo. Dessa forma o mundo simbólico deve ser interpretado como sendo o símbolo central de toda existência social. E esse é o ponto em que Ortner (apud ERIKSEN, NIELSEN, 2010) une os outros autores, pois não nega o que estava sendo estudado e sim acrescenta o olhar a respeito do corpo.

A teoria da prática influenciou grandes correntes teóricas que ultrapassaram os limites da antropologia, as questões a respeito do corpo perpassaram pensadores como Foucault (sem estudos etnográficos, pois sua formação é de historiador), que estudou a relação da violência e a *disciplina* acerca do corpo, discutindo a genealogia do poder sob um aspecto mais analítico, denominando a nossa sociedade como *sociedade disciplinar*. Na sua obra *Vigiar e Punir* (1975) relata a história de manicômios e presídios, chamando a atenção para a violência tanto física quanto psíquica a fim de disciplinar os corpos.

Outros pensadores também discutiram de forma objetiva e subjetiva a questão do corpo em suas pesquisas e teorias, como revela, novamente, o livro *História da Antropologia*:

“O conceito de agência, que na obra de Giddens evocava um ator estratégico consciente, atuando dentro de

restrições estruturais impostas pelo poder sobre seu corpo, é quase idêntico ao conceito de “prática” de Ortner. Prática é também o termo preferido para o mesmo fenômeno na obra do sociólogo e antropólogo francês Pierre Bourdieu.” (ERIKSEN e NIELSEN, 2010. p. 156)

Eriksen e Nielsen ressaltam que pensadores anteriores a Ortner, de forma subjetiva, trabalharam a questão do corpo, esta autora encontrou essa unidade de análise como o ponto em comum, porém com diferentes discussões e métodos para olhar o corpo humano. Como é o caso de Levi Strauss, que se preocupou em entender o que há por trás dos significados. Para o autor, a construção do ser perpassa a cultura, em que a mesma interfere de maneira direta na natureza, é por meio do corpo que acontecem os processos de transformações, e é também através dele que são expressos valores culturais, formados a partir da significação do corpo perante uma determinada ação.

A incidência de técnicas e atos tradicionais é capaz de orientar o corpo humano, moldando a postura corporal para que se adequem às imposições socioculturais. Levi Strauss apresenta o corpo como fato social total, isto é, como portador de um caráter tríplice, qual sejam as dimensões sociais, histórica e fisiopsicológica, para assim expressar o entendimento tridimensional do corpo. É importante salientar que Levi Strauss criou um modelo de análise da estrutura, em que o corpo é apenas mais uma das categorias teóricas essenciais para o delineamento da apreensão e compreensão das estruturas.

Outro olhar é o de Victor Turner, para o mesmo, o corpo humano possui um poderoso papel na fabricação de metáforas e no desempenho do papel de receptáculo da vida social, o autor vê o corpo como se o mesmo possuísse uma anatomia simbólica ligada a uma cosmologia, a qual o corpo físico interage com forças extra-humanas. Como é o caso do caçador Ndembu que após sua morte se faz necessário a retirada de seus dentes, caso contrário toda a sociedade sofreria as consequências do não cumprimento desse ritual. Neste caso o corpo é parte metafísica do ritual e a não execução do ritual tradicional, retirada do dente, faz com que aconteça uma espécie de tensão social, dada através do rompimento com a cultura e com o respeito. O restabelecimento de vínculos “saudáveis” com a comunidade se dá pelo restabelecimento dos padrões sociais por parte do indivíduo transgressor.

Turner entende o corpo como o espaço, onde se codifica marcas definidoras do posicionamento na sociedade, na família, no pertencimento a grupos, enquanto o ritual é momento de modificar o corpo para esta marca. O ritual pode não ser presente, da mesma maneira definidora, na atual sociedade ocidental, porém ainda é visível pelas marcas corporais, a escolha de uma tribo urbana, quando se depara com a juventude, por exemplo.

Como dito anteriormente, na corrente feminista se inicia um novo olhar para o trabalho de campo; quando o pesquisador em campo é de sexo masculino, o seu corpo é identificado como pertencente de um grupo específico daquela sociedade, o grupo do sexo masculino. A mudança trazida pelas antropólogas foi o pertencimento, a partir do corpo, a outro grupo dessa mesma sociedade e nesse quesito, o feminismo inicia um trabalho sobre as questões de âmbito da corporalidade e os espaços destinados para cada corpo, ultrapassando o ponto do sexo, mas adentrando nas idades, gênero, peso, entre outros pontos.

Como elucidado o corpo pode ser tomado como unidade de análise em diversas correntes antropológicas, o que demonstra as atuais teorias sobre corpo e corporalidade que se difundiram a partir do pensamento de Ortner (apud ERIKSEN, NIELSEN, 2010). O trecho a seguir é uma síntese dos pontos em comum na antropologia do século XX, a cerca do corpo.

“(...) o corpo não é tido como um simples suporte de identidades e papéis sociais, mas sim como um instrumento, atividade, que articula significações sociais e cosmológicas; o corpo é uma matriz de símbolos e um objeto do pensamento.” (SEEGER, et AL, 1987. p. 20)

O primeiro ponto é o fato de que a corporalidade não pode ser entendida fora do seus contexto social, ela o corpo responde e questiona a sociedade, há uma dialética na relação corpo e sociedade. A partir do momento em que o corpo é visto como um instrumento de significações sociais e cosmológicas, a prática do corpo de cada sociedade informa e fornece direção à ação do corpo. Como por exemplo, a prática social da reclusão pubertária para os Yawalapíti, apresentada por Viveiro de Castro no texto *A fabricação do corpo na sociedade Xinguana*:

“O complexo da reclusão é na verdade um aparelho de

construção da pessoa xinguana: é através dele que os papéis sociais são assumidos. Portanto que o idioma da reclusão seja sobretudo um idioma de corporalidade, isso nos indica o papel central que a imagem do corpo desempenha na elaboração da *persona* xinguana.” (VIVEIRO DE CASTRO, 1987. p. 36)

Assim como Viveiro de Castro, Anthony Seeger em sua obra, *Os Índios e Nós: Estudos Sobre Sociedades Tribais Brasileiras* (1980), reitera a dificuldade de uma diferenciação ontológica entre o corpo físico e o social. Assim como a prática da reclusão determina as ações do corpo xinguano, a perfuração da boca e da orelha dos Suyás ultrapassa o ato físico e direciona a organização social, como no trecho abaixo:

“A boca e a orelha são os órgãos mais importantes para o homem Suyá. A audição são as faculdades sociais mais importantes. O disco auricular e labial é o artefato corporal mais importante. É a representação física de uma elaboração conceptual. Através da perfuração da boca e do lobo da orelha e da inserção de discos pintados, o corpo torna-se socializado. Os discos auriculares e labiais estão relacionados com conceitos fundamentais da pessoa, da moral e do simbolismo das partes sociais.” (SEEGER, 1980. p. 52)

Trabalhar com o corpo é uma tendência na antropologia atual, pois agrega símbolos que explicitam as organizações dos grupos sociais, como é o caso do estudo do Tomás Chiaverini em sua obra *Festa Infinita*. Nela, ele analisa o uso de psicoativos nas festas raves⁶, é importante revelar que o autor defende a idéia de que só conseguirá atingir a significância simbólica da prática social de ingerir o psicoativo para o nativo, se utilizar os mesmos psicoativos, para assim atingir as mesmas sensações. A metodologia desse autor soma à observação participante a transformação do próprio corpo do antropólogo, pois o mesmo tem a certeza da centralidade do corpo para compreender as relações sociais daquele grupo que pretende estudar.

Para analisar o estudante da EJA é necessário posicionar o corpo na mesma situação que o discente. Ao participar das aulas ministradas pela Sociologia as situações da sala de

5- Encontro de música eletrônica com duração de aproximadamente 12 horas.

aula estavam presentes, mas para entender as relações diárias com o espaço, foi necessário participar dos intervalos de aula, assistir o posicionamento corporal dos estudantes na escola nos espaços de descontração e aonde eles acumulam a maior parte do tempo em que freqüentam a EJA.

O corpo e o espaço físico

Descontextualizado, o ultimo sub-título pode parecer desconexo, porém o interesse de perpassar brevemente pelos estudos de corporalidade foi por ser a partir do corpo que identifiquei o estudo específico dessa CEEBJA. A unidade de análise da questão do espaço físico e a identificação desses estudantes com o mesmo vem de uma percepção de olhar para o corpo.

A relação do corpo pode ser encontrada na corrente da antropologia de linha marxista, citada anteriormente, pois a força de trabalho vendida e comprada é “produzida” pelo corpo, que se transforma em unidade de medida. A fábrica é um exemplo, onde uma força de trabalho é um corpo, duas forças de trabalho são dois corpos. A exploração é, dessa forma, uma exploração também sobre os corpos, de um corpo sobre outro corpo em uma relação hierárquica. A relação de poder de um empregador é baseada na sujeição do corpo do empregado ao tempo de produção da máquina.

Unindo esse interesse em transformar corpos em meras forças de trabalho para o mercado de trabalho, que analiso o corpo a partir das questões simbólicas que a escola impõe ao corpo do estudante, para discipliná-lo perante as necessidades do mercado de trabalho, contribuindo com a alienação a respeito das potencialidades que o corpo pode alcançar. Se o corpo é forma da reprodução dos aspectos simbólicos inseridos na nossa sociedade e a escola é um dos locais utilizados pela cultura ocidental de aprendizado dos costumes necessários para as condutas na sociedade, o olhar para esse local tem de ser redobrado, pois é um dos locais de formação simbólica no corpo.

Bourdieu analisou a disciplinarização do corpo na escola, pois até o momento em que a criança está em âmbito familiar suas necessidades são a partir do corpo, a fome é saciada no momento em que ela se manifesta, assim como necessidades biológicas, como urinar e defecar. A escola muda o comportamento do corpo, impondo horários determinados

para saciar esses desejos do corpo, disciplinando para o mercado de trabalho e para a sociedade.

Em outro quesito que a escola define o funcionamento é a respeito do comportamento dentro da sala de aula, sentados, enfileirados, sem conversa, essa disciplinarização ocorre para adequar o corpo do estudante para o sistema de produção capitalista, que no mercado de trabalho é necessário manter fixo o corpo em uma ação, seja qual for a profissão exercida.

A escola é um dos primeiros locais da sociedade ocidental a ensinar os símbolos necessários para adequar o corpo para essa cultura e esse procedimento ocorre na infância, para a absorção ritualística desses símbolos. A criança, para nossa sociedade, tem de ser ensinada como se comportar em locais sociais e esse ensinamento passa pela união de diversos fatores e locais desse aprendizado. Levando em consideração que o Brasil obriga, por lei, a criança a participar da escola, a função da mesma é vista como fundamental para essa socialização.

Retomando o ponto inicial desse artigo, o CEEBJA Betinho, está inserido em uma escola primeiramente de ensino infantil, e seu espaço físico é preparado para essa reprodução com os corpos. As salas de aulas frequentadas por crianças é a mesma para os adultos, contando que a metodologia de ensino não é igual, pois essa disciplinarização não cabe com os conceitos de educação pensada para a modalidade de jovens e adultos.

As salas de aula são compostas por trabalhos produzidos pela manhã, pois o colégio do período matutino está inserido numa metodologia de meritocracia, onde é necessário ter um quadro com o nome dos estudantes que recebem estrelas pela produção de bons trabalhos em aula. O CEEBJA dificilmente expõe seus trabalhos produzidos em aula, pois a lógica de metodologia da EJA está no caminho percorrido para chegar no trabalho final.

As carteiras estão dispostas enfileiradas, próximas uma das outras, pois a distancia que a criança utiliza pela manhã para afastar da carteira anterior e posterior a sua é pequena. Os estudantes da EJA redefinem esses espaços quando adentram em sala de aula, pois adultos não utilizam o mesmo espaçamento das crianças. O tamanho dessas mesmas carteiras é para corpos infantis, sendo uma violência física com os estudantes dos períodos vespertino e noturno.

A estrutura física da escola é de alto porte, porém pouco utilizada nos momentos de

intervalo pelos estudantes da EJA, pois os espaços estão dispostos para atividades do ensino fundamental. Há um pátio, pequeno, com mesas e cadeiras distribuídas em volta da cantina e uma quadra poliesportiva, esses são os espaços construídos, esse primeiro pátio é necessário a utilização dos estudantes da EJA, pois eles se alimentam e quadra poliesportiva não é freqüentada no intervalo. O público que utiliza essa escola a tarde e a noite não tem um espaço que se identifique com sua idade, a quadra não é aproveitada, pois não é hábito entre esses indivíduos utilizar quadra como recreação durante o intervalo, cabível pela idade dos mesmos.

Possivelmente por isso, os estudantes que não utilizam a merenda escolar não se mantêm dentro do espaço físico da escola durante o intervalo. A maioria dos discentes que não participam da única atividade que ocorre no intervalo, a alimentação, sai das dependências internas e se locam para a porta de acesso ao colégio. Percebi que há os que ritualizam essa saída da escola pelo hábito de fumar e a proibição do mesmo na área interna, porém não na sua maioria. Há um bar no final da rua da escola, também não é freqüente encontrar os estudantes utilizando esse espaço. O local de maior interesse é mesmo próximo a porta de acesso, em pé, formando rodas de conversas. Desconfortáveis, esperam o sinal de que iniciará novamente as atividades.

Interessante ressaltar esse ponto da negação dos estudantes com o espaço, pois o ato de sair e se locar o próximo da porta demonstra que o interesse é de estar presente na próxima atividade e para tanto é necessário se manter perto para ouvir o sinal, porém há uma negação em esperar dentro das dependências físicas da escola, pela falta de interação com o espaço que deveria representar os indivíduos que o freqüentam na maior parte do dia, visto que a EJA é dois turno e o colégio fundamental, apenas um turno.

Considerações finais

A retirada desses estudantes da Universidade não foi contemplada na questão da permanência em um local, principal apontamento como motivação dessa mudança, pois independente da existência desse espaço físico, não houve uma apropriação desse espaço para que ele tome a unidade com os estudantes, visto que é um local onde se divide o espaço com crianças, assim como no campus se dividia o espaço com os universitários.

A identificação com o espaço é fundamental para o entendimento desses indivíduos a respeito da aceitação da condição de retorno a estudante. Suas conexões simbólicas de percepção de mundo têm de ser contempladas no espaço físico para estimular a troca, o estudante da EJA tem bagagem cultural que tem papel fundamental para o conhecimento produzido em aula. Há uma necessidade de estimular que o estudante reconheça seus saberes e uma forma é a interação com o espaço.

Há de se ressaltar que o CEEBJA Herbert Souza se adaptou para o acolhimento adequado de pessoas com necessidades especiais, como os deficientes físicos e idosos, é uma escola térrea com rampas acesso para contribuir na locomoção. Ao longo do semestre são realizadas semanas culturais, as quais auxiliam na integração dos estudantes que não participam das mesmas disciplinas. Os esforços do CEEBJA são notórios, porém é a limitação do espaço, por não ser privilegiadamente para o centro, que dificulta os estudantes a se reconhecerem por completo nas dependências da escola.

Bibliografia

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da educação*. São Paulo: Moderna, 1996.
- Biografia da Paulo freire em TEMPO RECIFE. Disponível em: <http://www.paulofreire.org.br/asp/template.asp?secao=biografia&sub=biografia1> Acesso em 03/11/2011
- CHIAVERINI, Tomáz. *Festa Infinita entorpecente mundo das raves*. São Paulo: Ediouro, 2009.
- ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sivert. *Historia da Antropologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- SEEGER, Anthony. *Os Índios e Nós: Estudos Sobre Sociedades Tribais Brasileiras*. Rio de Janeiro: Ed Campos, 1980.
- SEEGER, Anthony; DA MATTA, Roberto; VIVEIRO DE CASTRO, Eduardo B. A *construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras* in OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. (org.) *Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil*. UFRJ, Rio de Janeiro:

Ed. Marco Zero, 1987.

TURNER, Victor. *Floresta de símbolos*. Niterói, RJ: Ed. UFF, 2005.

VIVEIRO DE CASTRO, Eduardo B. *A fabricação do corpo na sociedade xinguana* in

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. (org.) *Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil*.

UFRJ, Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1987.

SILVA, Miguel Pereira da. *DISCIPLINAÇÃO, CORPO E HABITUS:*

Uma Interlocução entre Foucault e Bourdieu. Disponível em:

<http://www.webartigos.com/artigos/disciplinacao-corpo-e-habitus/73768/> Acesso em

09/11/2011